



33(2): 5-8
jul/dez 2008

EDITORIAL

Eugen Bavcar, fotógrafo, nascido na Eslovênia, que, aos onze anos de idade ficou cego, interroga, com seu ofício, os limites do visível. Em uma entrevista, nos diz: “todo mundo se utiliza do olhar do outro, só que sobre outros planos, sem se dar conta sempre. Percepção não é aquilo que vemos, mas a maneira como abordamos o fato de ver. E como não se pode nunca ver com os próprios olhos, *somos todos um pouco cegos*” (Tessler; Karon, 1998, p. 93). De algum modo, somos, cada um, cegos a algumas formas da vida. Um dos precários antídotos que temos frente a este mal é o encontro com os pares. Na companhia dos colegas, por meio da solidariedade das trocas, podem se esboçar as condições para que nos tornemos sensíveis a novos modos de ler/construir o mundo. Este número da Revista *Educação & Realidade* nasce de um encontro. De um encontro-simpósio, em que, enlaçados por uma preocupação comum, pesquisadores de diferentes países se reuniram para compartilhar seus modos de ler. De um encontro-entrediferentes, em que pesquisadores de diversos campos do saber se reuniram

para dividir os avanços em seus domínios e, mais do que isso, para repartir perguntas. Questões sobre uma temática que não é qualquer: a complexa relação entre juventude, violência e educação.

Vivemos, no campo da educação, o privilégio – trabalhoso, é certo, mas, ainda assim, o privilégio – de construirmos nossas interrogações e nossas contribuições no interstício de diversos campos disciplinares. Se concebemos a juventude para além de uma etapa cronologicamente marcada; se a situamos como um conjunto de operações psíquicas, cognitivas, sociais, institucionais, culturais, historicamente construídas e legitimadas no compartilhamento social, vale muito a pena que nos detenhamos em escutar o que uma juventude grita com seus atos de violência, ou ainda o que ela indaga quando se vê imersa em importantes conflitos frente à lei. Como educadores, somos interrogados em nosso cotidiano por esses que, com seus atos, questionam a operatividade das instituições que construímos e que desejamos transmitir como patrimônio a ser herdado pelas gerações vindouras. Em torno desse debate, está constituída a seção temática deste número intitulada *Juventude, Violência e Educação*.

Esta seção reúne textos selecionados pela professora Carmem Craidy, pesquisadora coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação, Exclusão e Violência Social (NUPEEEVS) da Faculdade de Educação da UFRGS, grupo de trabalho que encabeçou a realização do II Simpósio Internacional sobre Juventude, Violência, Educação e Justiça. O NUPEEEVS vem desenvolvendo um trabalho pioneiro em torno da relação entre violência e juventude e propondo balisadores importantes para pensarmos uma pedagogia das medidas socioeducativas. Na seção temática, o leitor poderá percorrer reflexões que espelham a contrastante forma de pensar e lidar com questões que guardam semelhança entre si. Evidenciar a diferença de perspectivas de trabalho e pesquisa presente entre o grupo de pesquisadores brasileiros e americanos é uma das riquezas deste conjunto de textos.

Como forma de continuar acolhendo e publicando artigos que espelham a rica produção dos pesquisadores da educação, enviados diretamente à *Educação & Realidade*, optamos por não dedicar todo este número a um tema. Abrimos, então, um espaço para *Outros Temas*, seção na qual o leitor encontrará trabalhos que versam sobre a relação entre a noção de experiência como acontecimento e seus vínculos com a educação como lugar para a construção de um novo *ethos*; sobre a prevenção do abuso sexual infantil na área educacional; sobre as práticas docentes de seleção e organização do conhecimento em duas escolas, uma regular e outra especial, dedicadas especificamente ao ensino de alunos com histórico de deficiência mental; sobre a qualidade do ensino médio noturno em escolas públicas. A pluralidade temática nos informa acerca da diversidade de nosso campo e da complexidade dos debates em curso. Estabelecer esta seção é uma forma de dar lugar à multiplicidade de indagações sobre as quais nos vemos convocados a pensar.

Blanchot nos diz, “a questão é o desejo do pensamento” (2001, p. 43); é ele o combustível que mantém a possibilidade de qualquer criação. Se já não tivéssemos perguntas, já não mais poderíamos nos inquietar com as palavras; a vida já não mais seria enigma. É da condição de perguntar, esta que só podemos sustentar na companhia de nossos pares, que derivam os textos que o leitor tem em suas mãos. Desejamos que eles sejam inspiradores de novas perguntas.

Luís Armando Gandin – Editor-Chefe
Simone Moschen Rickes – Editora Associada
Gilberto Icle – Editor Associado

Referências

BLANCHOT, Maurice. **A Conversa Infinita**. São Paulo: Escuta, 2001.
TESSLER, Elida; KARON, Muriel. Uma Câmera Escura Atrás de Outra Câmera Escura. **Porto Arte**, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 91-100, novembro de 1998.

